

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE MEDICINA  
DEPARTAMENTO DE NUTRIÇÃO

Laura Sales Ferraz

**PROMOÇÃO DA SAÚDE ATRAVÉS DE AÇÕES MULTIDISCIPLINARES:  
UMA EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA VIVER MELHOR NA ESCOLA**

Porto Alegre  
2016

Laura Sales Ferraz

**PROMOÇÃO DA SAÚDE ATRAVÉS DE AÇÕES MULTIDISCIPLINARES:  
UMA EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA VIVER MELHOR NA ESCOLA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Nutrição.

Orientador: Prof. Dra Ilaine Schuch

Porto Alegre

2016

### CIP - Catalogação na Publicação

Ferraz, Laura Sales  
Promoção da saúde através de ações  
multidisciplinares: uma experiência do Programa  
Viver Melhor na Escola / Laura Sales Ferraz. -- 2016.  
61 f.

Orientador: Ilaine Schuch.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade  
de Medicina, Curso de Nutrição, Porto Alegre, BR-RS,  
2016.

1. Promoção da saúde. 2. Escola. 3. Infância. I.  
Schuch, Ilaine, orient. II. Título.

Laura Sales Ferraz

**PROMOÇÃO DA SAÚDE ATRAVÉS DE AÇÕES MULTIDISCIPLINARES:  
UMA EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA VIVER MELHOR NA ESCOLA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Nutrição.

Aprovado em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Eliziane Ruiz – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Mariana Dihl Schiffner – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Ilaine Schuch – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (orientador)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que me deu a oportunidade de chegar até aqui.

A minha família, que sempre me incentivou a estudar, me apoiou quando eu decidi trocar de curso e seguiu me apoiando durante todo o meu período acadêmico na Nutrição, compartilhando comigo desta vitória.

Agradeço também aos meus colegas bolsistas, pois sem eles o Festival Cultural não teria ocorrido. Obrigada Maurício, Samantha e Alexandre pela parceria no planejamento e execução, e obrigada aos demais bolsistas de 2015 pela ajuda na execução das oficinas. Hoje, mais do que nunca sei o que é trabalhar de forma interdisciplinar graças a vocês.

Agradeço especialmente ao Colégio Otávio de Souza que sempre abriu as portas ao Programa Viver Melhor na Escola e me possibilitou tantos aprendizados e experiências. Obrigada pela parceria desenvolvida até aqui e pelo carinho.

Por último, agradeço a minha orientadora Ilaine Schuch, por ter aceitado o desafio de escrever comigo este trabalho, e pela paciência e confiança de sempre.

## RESUMO

**Introdução:** A saúde é influenciada por fatores sociais, econômicos, culturais, étnico/raciais, psicológicos e comportamentais. A escola é um espaço privilegiado para que ocorram ações de promoção da saúde. Através do Programa Saúde na Escola, uma parceria intersetorial entre Saúde e Educação, tem-se desenvolvido atividades de promoção de saúde em escolas do território da Unidade Básica de Saúde Santa Cecília – Porto Alegre/RS.

**Metodologia:** Foi realizado um Festival Cultural no Colégio Estadual de 1º e 2º graus Otávio de Souza, no qual dez oficinas multidisciplinares foram desenvolvidas com os alunos no período de uma semana com o objetivo de promover saúde. As oficinas foram planejadas de acordo com sugestões dos próprios alunos. O Festival englobou as seguintes oficinas: Construção de Brinquedos com Sucata, Clown e Jogos Teatrais, Capoeira, Horta, Esportes, Cooperação e Música, Fanzine, *Graffiti* e Pintura na Rua, Cine-debate e, para finalizar o Festival, ocorreu uma apresentação dos alunos. **Discussão:** Ao englobar diferentes metodologias e diferentes temas nas oficinas do Festival Cultural, buscou-se fazer com que os aprendizados em saúde para o público escolar tivessem sentido e significado, trabalhando a integralidade do cuidado em saúde. **Conclusão:** A promoção da saúde no ambiente escolar é tema que deve receber maior atenção de profissionais tanto da saúde como da educação. Porém, a efetividade das ações dependem da maneira como são planejadas e conduzidas. Pela experiência no Festival e dados da literatura, viu-se que estas ações devem fazer sentido no dia a dia da comunidade escolar e a saúde deve ser trabalhada de forma mais humana e integral.

**Palavras-chave:** saúde, escola, integralidade, infância.

## ABSTRACT

**Introduction:** Health is influenced by social, economic, cultural, ethnic / racial, psychological and behavioral factors. The school is a privileged space for actions to promote health. Through the Health in School Program, an intersectoral partnership between Health and Education, health promotion activities have been developed in schools in the territory of the Unidade Básica de Saúde Santa Cecília - Porto Alegre / RS. **Methodology:** A Cultural Festival was held at Colégio Estadual de 1º e 2º graus Professor Otávio de Souza, where ten multidisciplinary workshops were developed with the students during a one-week period to promote health. The workshops were planned according to the students own suggestions. The Festival included the following workshops: Construction of Toys with Scrap, Clown and Theater Games, Capoeira, Garden, Sports, Cooperation and Music, Fanzine, Graffiti and Painting on the Street, Cine-Debate and, to conclude the Festival, a presentation of the students. **Discussion:** By including different methodologies and different themes in the workshops of the Cultural Festival, it was sought to make the learning in health for the school public had meaning and sense, working the integrality of health care. **Conclusion:** The promotion of health in the school environment is a topic that should receive greater attention from professionals in both health and education. However, the effectiveness of actions depends on how they are planned and conducted. Through experience in the Festival and literature data, it was seen that these actions should make sense in the day-to-day life of the school community and health should be worked in a more humane and integral way.

**Key Words:** health, school, integrality, childhood

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
1.1 O CONCEITO DE SAÚDE.....	9
1.2 A SAÚDE NA ESCOLA.....	10
1.3 PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA.....	12
1.4 PROGRAMA VIVER MELHOR NA ESCOLA: EDUCAÇÃO, SAÚDE E CIDADANIA.....	13
2 OBJETIVO.....	15
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS E CENÁRIOS PERCORRIDOS.....	16
4 RELATO DA EXPERIÊNCIA E REFLEXÕES SOBRE A PROMOÇÃO DA SAÚDE NO ÂMBITO DA ESCOLA .....	17
4.1 OFICINA DE CONSTRUÇÃO DE BRINQUEDOS COM SUCATA: MEIO AMBIENTE E SAÚDE.....	19
4.2 OFICINA DE CLOWN E JOGOS TEATRAIS: EXPRESSÃO E INTEGRAÇÃO ATRAVÉS DO CORPO .....	24
4.3 OFICINA DE CAPOEIRA: DESCOBRINDO A CULTURA AFRO-BRASILEIRA. 27	
4.4 OFICINA DE HORTA: A NATUREZA COMO INSTRUMENTO DE PROMOÇÃO DA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL .....	31
4.5 OFICINA DE ESPORTES: O JOGO DA CIDADANIA .....	35
4.6 OFICINA DE COOPERAÇÃO DE MÚSICA: A MÚSICA COMO FORMA DE INTEGRAÇÃO .....	38
4.7 OFICINA DE FANZINE: .....	41
4.8 OFICINA DE <i>GRAFFITI</i> E PINTURA NA RUA: DANDO VIDA À ESCOLA .....	45
4.9 CINE-DEBATE .....	50
4.10 APRESENTAÇÃO DOS ALUNOS.....	51
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	56
REFERÊNCIAS .....	58



# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 O CONCEITO DE SAÚDE

Ao longo dos anos, o conceito de saúde vem sendo bastante estudado. Tenta-se, até hoje, estipular um conceito definitivo, porém esta é uma tarefa desafiadora, visto que a saúde é entendida de diferentes formas por cada indivíduo. O conceito de saúde reflete as esferas social, política, econômica e cultural e depende de valores individuais e concepções religiosas, filosóficas e científicas (SCLIAR, 2007).

Desde os primórdios da humanidade, tenta-se buscar explicações para a origem das doenças e, conseqüentemente, para a constância de uma boa saúde. Antigamente, havia a chamada “concepção mágico-religiosa”, que partia do princípio de que a doença era resultado da ação de forças malignas que se introduziam no corpo devido a um pecado ou maldição (SCLIAR, 2007). Mais tarde, Hipócrates (460-377 a.C), considerado o “Pai da Medicina”, trouxe outro conceito baseado em suas observações. Dizia que no corpo humano existem quatro fluidos principais (bile amarela, bile negra, fleuma e sangue) e que a doença resultava do desequilíbrio destes fluidos (SCLIAR, 2007). A saúde, por conseqüência, deveria ser um total equilíbrio destes fluidos no organismo.

O conceito proposto pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 1948 diz que “saúde é o estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença” (WHO, 1946). Este parece ser o conceito mais utilizado atualmente e o que mais se assemelha a realidade de vida do ser humano, pois não busca explicar a saúde sob um ponto de vista biomédico, como apenas a ausência de doença, mas considera o ser humano de uma forma integral, levando em conta todas as esferas de sua vida. O Sistema Único de Saúde (SUS), na Lei Orgânica de Saúde, utilizou o conceito ampliado de saúde, que diz respeito aos modos de vida, de organização e de produção em um determinado contexto histórico, social e cultural e buscou superar a ideia de saúde apenas como ausência de doença (BRASIL, 2015).

Para se compreender melhor a saúde e todos os fatores que a influenciam, os determinantes sociais da saúde (DSS) também vem sendo estudados. Estes possuem diversas definições, entretanto, sua concepção geral é apoiada em um

entendimento de que as condições de vida e trabalho dos indivíduos e grupos está relacionada com sua saúde. A Comissão Nacional sobre os Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS), afirma que os DSS são “os fatores sociais, econômicos, culturais, étnico/raciais, psicológicos e comportamentais que influenciam a ocorrência de problemas de saúde e seus fatores de risco na população” (BUSS; PELLEGRINI FILHO, 2007). Os DSS ajudam a compreender de que forma fatores de vida como condições de moradia, educação, trabalho e relações sociais incidem sobre a situação de saúde de indivíduos e populações. Os resultados destes estudos auxiliam na tomada de decisões de práticas em saúde e políticas públicas, direcionando aqueles fatores que devem receber maior atenção.

Ao considerar diferentes perspectivas para compreender a saúde, busca-se colocar em prática o conceito da integralidade, proposto pela Lei Orgânica de Saúde (Lei 8.080) em 1990. Tal lei conceitua a integralidade como sendo “um conjunto articulado e contínuo das ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso em todos os níveis de complexidade do sistema” (BRASIL, 1990). Um estudo realizado com profissionais de saúde vinculados à Estratégia de Saúde da Família mostrou que o entendimento deste conceito é muito amplo, sendo encontradas explicações variadas para o significado de integralidade. Uma das atribuições ao termo foi o sentido de holismo, no qual o profissional não leva em conta apenas a doença já instalada no indivíduo, mas procura analisá-lo integralmente, levando em conta outros aspectos de sua vida como questões emocionais, econômicas e culturais, e busca também, dessa forma, prevenir o aparecimento de outras doenças (LINARD; CASTRO; CRUZ, 2011).

## 1.2 A SAÚDE NA ESCOLA

A escola tem-se apresentado, ao longo dos anos, como um local com diversas significações no que se refere à sua função social, missão e organização (BRASIL, 2006). Atualmente, é um espaço onde se possibilita o aprendizado de diversos temas ligados à vida e não somente àqueles conteúdos de cunho puramente escolar e a saúde é um dos temas que vem sendo amplamente discutidos. De acordo com a Organização Pan-americana da Saúde,

A educação para a saúde no âmbito escolar é um direito fundamental de todos os meninos e meninas. A saúde está entranhavelmente ligada ao aproveitamento escolar, à qualidade de vida e à produtividade econômica. Ao adquirirem e construírem conhecimentos sobre a saúde infantil e a juventude, são adquiridos valores, aptidões, destrezas e práticas necessárias para a vida sã. No processo a capacidade de formar e fortalecer comportamentos e hábitos salutareos é adquirida. Neste sentido, meninos, meninas e jovens se transformam em sujeitos capazes de influenciar mudanças em benefício da saúde de suas comunidades. (OPAS, 1995 *apud* IPPOLITO-SHEPHERD, 2003)

Começou-se a pensar a saúde na escola ainda no final do século XVIII e início do século XIX, quando o médico alemão Johann Peter Frank (1745-1821), considerado o “Pai da Saúde Escolar”, publicou um guia sobre o assunto, mais tarde conhecido como Sistema Frank. Em sua obra, ele considerava importantes aspectos da saúde na escola como prevenção de acidentes, higiene mental, elaboração de programas de atletismo, iluminação, aquecimento e ventilação das salas de aula (FIGUEIREDO; MACHADO; ABREU, 2010). Ao longo dos anos, a saúde escolar foi ganhando novos significados, passando de uma ideia biomédica, centrada na prevenção de doenças, para uma ideia centrada na promoção da saúde. Promoção da saúde é o nome dado ao processo de capacitar uma comunidade a fim de que ela atue na melhoria da sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo (CARTA DE OTTAWA, 1986). Em outras palavras, promover saúde é dar subsídios para que um indivíduo ou comunidade possa ser ativo no processo de busca pelo seu próprio bem-estar físico, social e mental. É educar para que cada pessoa tenha elementos suficientes para buscar, por si própria maneiras de melhorar sua condição de vida e as condições do ambiente em que vive. A promoção da saúde na escola deve partir deste princípio, o de educar os alunos sobre questões ligadas à sua qualidade de vida e capacitá-los para buscar esta qualidade de vida.

Um marco na saúde escolar foi a Iniciativa Regional Escolas Promotoras de Saúde (IREPS), que surge em 1995 na América Latina com o objetivo de fortalecer e desenvolver a promoção e a educação para saúde nas escolas de uma forma integral (IPPOLITO-SHEPHERD, 2003). Essa Iniciativa considera as pessoas em seus contextos de vida na família, comunidade e sociedade e promove o

desenvolvimento de conhecimentos, capacidades e atitudes necessárias para o cuidado de si e dos outros (IPPOLITO-SHEPHERD, 2003).

No Brasil, tem-se experiências bem-sucedidas com a Iniciativa nos municípios de Embú (São Paulo) e do Rio de Janeiro. No município de Embú, o Programa de Saúde do Escolar foi idealizado a partir de 1984 e, desde 1987 permaneceu sob coordenação da Secretaria Municipal de Saúde e integra o Sistema Único de Saúde (SUS). Em 2002, foi implantado o Programa Escola Promotora de Saúde, sob três princípios básicos: educação para a saúde com enfoque integral; criação de entornos saudáveis e provisão de serviços de saúde. Os temas com os quais o Programa trabalha seguem três eixos temáticos: educação ambiental e prevenção da dengue; sexualidade, gravidez na adolescência e prevenção de DST/AIDS; e promoção da paz e prevenção de acidentes e violência, podendo ser trabalhados outros temas conforme a demanda (BRASIL, 2006).

No Rio de Janeiro, a partir da década de 90, foi criado o Programa de Saúde do Escolar, como uma proposta de atenção integral à saúde de crianças e adolescentes em idade escolar. Em 1999, o Projeto Nessa Escola Eu Fico, que buscava integrar a política de saúde às políticas sociais, precedeu a criação das Escolas Promotoras de Saúde no Município do Rio de Janeiro. O Projeto desenvolvia-se em 19 escolas de horário integral, aumentando o tempo de permanência nas mesmas, e propunha investimentos na melhoria da qualidade destas escolas enquanto estimulava, em toda a comunidade escolar, a capacidade de pensar, atuar e de tomar decisões. Vale destacar a atuação do Projeto em diferentes áreas da vida dos estudantes, como o desenvolvimento e a aprendizagem em diferentes linguagens e atividades culturais, artísticas e esportivas dentro do contexto histórico e social de cada comunidade (BRASIL, 2006).

### 1.3 PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA

As ações em prol da saúde dos escolares não devem depender de esforços apenas do setor saúde, mas também do setor educação, configurando-se assim, ações intersetoriais. A escola, instituição que acolhe todos os dias centenas de jovens, tem muito potencial para pensar ações de educação em saúde dentro e fora da sala de aula, utilizando-se de métodos pedagógicos e recursos apropriados para cada fase da vida. O desafio, muitas vezes, está na falta de conhecimento acerca de

temas ligados a saúde por parte dos educadores. Pensando em estratégias para transpor este desafio, o Programa Saúde na Escola (PSE) surge, em 2007, como uma parceria entre os Ministérios da Saúde e da Educação com o objetivo de promover a saúde e a cultura da paz, reforçando a prevenção de agravos à saúde, e também fortalecer a relação entre as redes públicas de saúde e de educação (BRASIL, 2007).

A política do PSE tem a perspectiva de ampliar as ações de saúde a alunos da rede pública de ensino, abrangendo Ensino Fundamental, Ensino Médio, Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, Educação de Jovens e Adultos (BRASIL, 2009) interligando as Equipes de Saúde da Família (ESF) e as escolas que fazem parte de seus territórios. Além de ações específicas de vigilância em saúde como avaliação clínica, nutricional, oftalmológica, auditiva, psicossocial, avaliação da saúde bucal e atualização e controle do calendário vacinal, o PSE prevê ações de promoção da alimentação saudável, redução da morbimortalidade por acidentes e violências, prevenção e redução do consumo de álcool, prevenção do uso de drogas, promoção da saúde sexual e reprodutiva, controle do tabagismo entre outras (BRASIL, 2009). Por se tratar de uma política que parte do princípio da intersetorialidade, o PSE preconiza que haja uma estreita relação entre as ESF e as escolas, de modo que as ESF possam atuar nos processos de educação permanente e continuada em saúde de professores, funcionários, pais e estudantes, e, em contrapartida, os profissionais de educação possam apoiar as ESF instrumentalizando-as sobre o uso de ferramentas pedagógicas a fim de melhorar a abordagem de educação e comunicação em saúde (BRASIL, 2009).

#### 1.4 PROGRAMA VIVER MELHOR NA ESCOLA: EDUCAÇÃO, SAÚDE E CIDADANIA

A maneira como cada Estratégia de Saúde da Família lida com a política do PSE em parceria com as escolas do seu território é muito particular. Ações ligadas ao PSE têm sido desenvolvidas na Unidade Básica de Saúde Santa Cecília (UBS), do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), desde 2011 com o apoio não só dos profissionais de saúde da Unidade, mas também de acadêmicos estagiários e bolsistas de diversos cursos da área da saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Um dos apoios que a Unidade tem recebido, parte do

“Programa Viver Melhor na Escola: educação, saúde e cidadania”, que trata-se de um projeto contemplado com recursos do edital PROEXT 2015-2016/SESU/MEC. O projeto atua nas escolas adstritas ao território da UBS Santa Cecília nos moldes do PSE, ou seja, realizando ações de promoção de saúde. A equipe do projeto é formada por bolsistas dos cursos de graduação em Comunicação Social, Educação Física, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina, Nutrição, Psicologia e Serviço Social, sob a coordenação de quatro professoras dos cursos de Fisioterapia, Fonoaudiologia, Nutrição e Psicologia da UFRGS.

As ações nas escolas partem de demandas trazidas pela própria comunidade escolar (direção, professores, pais e alunos) e pelos profissionais de saúde e busca-se sempre levar em conta os conhecimentos prévios dos alunos, ou seja, a abordagem não parte de um princípio verticalizado, no qual o profissional de saúde possui todo o conhecimento e o aluno não possui nenhum, mas, busca-se trabalhar sob uma ótica transversal, considerando sempre que o aluno já possui conhecimentos e experiências prévias que necessitam ser desenvolvidas.

Partindo do princípio de que as ações de saúde na escola devem ser intersetoriais, as atividades do projeto envolvem, na medida do possível, os professores das escolas, em uma parceria que se desenvolve dentro e fora da sala de aula, tanto no planejamento como na prática das atividades. No ano de 2015 muitas ações do projeto foram realizadas nas escolas participantes, entre elas: cine debates sobre culto ao corpo e padrões de beleza, rodas de conversa sobre *bullying* e outras formas de violência, oficinas de alimentação saudável, atividade física, sexualidade e atividades culturais como oficina de *graffiti* entre outras.

## **2 OBJETIVO**

O objetivo principal do presente trabalho é descrever e refletir aspectos de uma experiência de promoção da saúde de crianças e adolescentes a partir de um conjunto de atividades multidisciplinares no âmbito da escola.

### **3 CAMINHOS METODOLÓGICOS E CENÁRIOS PERCORRIDOS**

O presente trabalho caracteriza-se por ser de cunho descritivo com caráter qualitativo. Descrevemos as definições ou conceitos, bem como as técnicas e abordagens utilizadas no planejamento e execução das oficinas de diferentes temas que compuseram o Festival Cultural na escola estudada.

O cenário principal das ações desenvolvidas foi o Colégio Estadual de 1º e 2º graus Professor Otávio de Souza. O colégio localiza-se no bairro Jardim Botânico, Porto Alegre-RS, e pertence a área da equipe de saúde da família número 3 da UBS Santa Cecília. Atualmente, o colégio possui cerca de 330 alunos matriculados e atende turmas do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Do total de alunos matriculados, cerca de noventa por cento são oriundos da Vila São Pedro e o restante do bairro Jardim Botânico, Vila Patinho, Vila Bom Jesus ou Vila Cruzeiro.

As oficinas ocorreram em diferentes espaços do colégio, como sala de aula, pátio e quadra de esportes, calçada de entrada, área coberta do pátio e outros espaços possíveis de aprendizado.

Para registro de cada oficina, foram utilizados diários de campo e fotos. Para auxiliar na discussão sobre o tema, foram pesquisados artigos, trabalhos de conclusão de curso, leis e outros documentos de referência sobre ações de promoção da saúde na escola, bem como sobre o tema específico das oficinas que ocorreram no Festival.



#### **4 RELATO DA EXPERIÊNCIA E REFLEXÕES SOBRE A PROMOÇÃO DA SAÚDE NO ÂMBITO DA ESCOLA**

No ano de 2015 foi realizado o I Festival Cultural Otávio de Souza, que surgiu como uma proposta de intervenção no presente Colégio, a partir dos resultados obtidos em levantamento realizado pelos bolsistas do Programa Viver Melhor na Escola no mesmo ano. Tal levantamento consistiu em uma pesquisa sobre sugestões de atividades que os alunos gostariam de ter em sua escola. Foi passada, de sala em sala, uma caixa customizada, denominada “urna”, e solicitado aos alunos que completassem a frase “Viver melhor na escola é...”, escrevendo-a em um pedaço de papel e colocando-o dentro da urna. Como resultados, obteve-se que 35% dos alunos do turno da manhã, turno com maior número de alunos, gostariam de atividades artístico-culturais como dança, música, e esportes variados e rodas de conversa sobre diversos temas. Nesta perspectiva, pensou-se, a princípio, em organizar uma gincana escolar, na qual se pudessem incluir diversas tarefas ligadas à cultura e à saúde. De acordo com o dicionário Michaelis, gincana é “competição em que participam pessoas ou equipes, que devem responder a perguntas e/ou cumprir certas tarefas em um tempo previamente determinado” (MICHAELIS, 2016). Considerando esta definição, o propósito de uma gincana, é a competição. O objetivo principal dos bolsistas não era o de promover competição entre os alunos, uma vez que isto pode gerar frustrações naqueles que são ditos “perdedores”. O maior objetivo em levar oficinas culturais aos alunos era o de proporcionar-lhes momentos de prazer aliados a momentos de aprendizagem dentro da escola, por meio de metodologias pouco exploradas no cotidiano. Pensou-se, então, em promover o que foi chamado de “Festival Cultural”. A palavra festival faz referência a festa, ou festivo. Podem-se citar diversos exemplos de festivais como os festivais de cinema, de folclore, de música e dança. O I Festival Cultural Otávio de Souza foi assim chamado por tratar-se de um momento festivo, em que toda a comunidade escolar pudesse participar de atividades culturais de seu interesse. Foi denominado I (primeiro) por acreditar-se que poderia se tratar de uma experiência inovadora e que geraria bastante aceitação por parte da comunidade escolar, devendo ser repetida em anos seguintes.

A organização do Festival se deu por parte dos bolsistas do Programa, equipe diretiva, coordenação pedagógica e professores da escola. Inicialmente, teve-se a intenção de envolver os alunos nesta organização, porém, devido ao período de greve escolar, o tempo necessário para reuniões com os alunos não foi obtido, e, assim, não foi possível incluí-los na organização. A escolha das oficinas que fariam parte do Festival foi feita pensando-se em atividades variadas, incomuns no ambiente escolar e que contemplassem todas as faixas etárias, bem como atividades que trouxessem aprendizados ligados à saúde. Algumas oficinas contaram com a participação de profissionais que trabalham na área da respectiva oficina e aceitaram o convite para ministrarem voluntariamente a atividade na escola. Outras oficinas foram ministradas pelos próprios bolsistas do Programa, proporcionando, assim, a chance de eles também mostrarem seus talentos e habilidades diversas e contribuir, assim, para a formação dos mesmos. O Festival em si ocorreu durante o período de uma semana (07 a 11 de dezembro de 2015) na qual quase todas as turmas participaram de pelo menos uma oficina durante o seu horário de aula, fazendo com que aquela semana se tornasse uma semana diferente, um momento de festa, integração, novidades e aprendizados para toda a comunidade escolar. As oficinas que fizeram parte do Festival foram: Construção de Brinquedos com Sucata, Clown e Jogos Teatrais, Capoeira, Horta, Esportes, Cooperação e Música, Fanzine, *Graffiti* e Pintura na Rua, Cine-debate e, para finalizar o Festival, ocorreu uma apresentação dos alunos.

O desenvolvimento científico na área da saúde vem aumentando expressivamente a cada ano. Em contraste, as práticas em saúde contemporâneas ainda não respondem de forma efetiva às complexas necessidades dos indivíduos e populações. Em vista disso, tem-se falado em propostas de humanização e integralidade no cuidado em saúde, a fim de construir alternativas para a organização das práticas de atenção à saúde no Brasil (AYRES, 2004).

Estas práticas, tanto individuais como coletivas, devem fazer sentido para o (os) indivíduo (os) aos quais se destinam. Infelizmente, muitas vezes os profissionais de saúde tem apenas informado seus pacientes sobre os cuidados em saúde necessários a determinada doença, sem a devida atenção para a possibilidade de aquele paciente não entender sobre sua doença e não entender como aquele cuidado pode melhorar sua saúde. A fim de se obter um melhor resultado nas ações

assistenciais em saúde, o profissional contemporâneo necessita trabalhar sob a ótica do cuidado em saúde. O cuidado em saúde, segundo Ayres (2004), é a “designação de uma atenção à saúde imediatamente interessada no sentido existencial da experiência do adoecimento, físico ou mental, e, por conseguinte, também das práticas de promoção, proteção e recuperação da saúde” (AYRES, 2004). Qual o entendimento que o paciente tem sobre os impactos de determinada doença sobre a sua existência? Qual o entendimento que ele tem sobre a efetividade de práticas de promoção da saúde?

Buscar dar sentido e significado às ações de promoção de saúde foi a perspectiva adotada pelo Programa Viver Melhor na Escola ao pensar no Festival. Ao permitir dar voz aos alunos para que eles expressassem a sua visão sobre o que era “viver melhor na escola”, buscou-se entender qual sentido a escola tem para esses alunos e, assim, pensar em ações que tivessem significado em seu dia a dia.

O Festival Cultural procurou trabalhar também sob a perspectiva da integralidade no cuidado em saúde, de forma que todos os aspectos determinantes da saúde fossem abordados em oficinas, como cuidado e interação com o meio ambiente (Oficina de Construção de Brinquedos com Sucata e Oficina de Horta), socialização e integração com o outro (Oficinas de Clown e Oficina de Cooperação e Música), respeito às diferenças étnicas e culturais (Oficina de Capoeira), cidadania (Oficinas de Esportes, Fanzine e o Cine-Debate), cuidado com o ambiente escolar e sentir-se parte dele (Oficina de *Graffiti* quanto na Oficina de Pintura na Rua) e promoção da autoestima e sociabilização (Apresentação dos Alunos).

#### 4.1 OFICINA DE CONSTRUÇÃO DE BRINQUEDOS COM SUCATA: MEIO AMBIENTE E SAÚDE

Atualmente, vivemos um momento de grande crise ambiental em todo o mundo. O excesso de produção de lixo e o descarte inadequado do mesmo nas grandes cidades têm provocado sérios prejuízos, tornando cada vez mais urgente a conscientização da população sobre a limitação dos recursos naturais (ALVES; TRINDADE, 2014). Refletir sobre as nossas atitudes diárias como consumismo desenfreado, local de descarte de resíduos, separação dos mesmos e consumo de água e luz entre outras ações, é de extrema importância se quisermos preservar a natureza que ainda se faz presente no planeta. Para isso, a educação ambiental tem

a finalidade de conscientizar os cidadãos a fim de mudar comportamentos. Segundo a Política Nacional de Educação Ambiental, em seu artigo número 1:

Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (BRASIL, 1999).

A mesma política decreta ainda que este tema deve estar presente em todos os níveis e modalidades do processo educativo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais preveem que a educação ambiental seja tema de trabalho nas escolas, uma vez que configura um chamado “tema transversal”, ou seja, que deve ser trabalhado pelos diferentes componentes curriculares (BRASIL, 1997).

Os brinquedos construídos a partir de sucata, ou seja, aqueles objetos considerados lixo, porém, com uma possibilidade de reutilização, são uma potencial ferramenta lúdica para se trabalhar a educação ambiental em escolas.

O brinquedo é “um objeto suporte da brincadeira”, e é representado por meio de um objeto, como por exemplo, um peão, uma boneca ou um carrinho. Os brinquedos podem ser estruturados e não estruturados. Os estruturados são aqueles que são adquiridos já prontos, como os brinquedos industrializados. Os não estruturados são aqueles que não vêm da indústria, mas de uma resignificação de objetos simples como pedras ou paus (KISHIMOTO, 1994 *apud* ARAÚJO, 2015).

Os brinquedos construídos com sucata são, segundo esta definição, brinquedos não estruturados, pois surgem a partir da resignificação e reutilização de objetos que iriam para o descarte.

As oficinas de construção de brinquedos com sucata ocorreram com alunos do 1º, 3º e 4º ano do Ensino Fundamental e foram ministradas pelos bolsistas do Programa. Inicialmente, os bolsistas tiveram de juntar em suas casas os materiais necessários para as oficinas, ou seja, as sucatas (garrafas PET, rolinhos de papel higiênico, jornal, entre outros). Após a união dos materiais, foram escolhidos alguns brinquedos para serem confeccionados nas oficinas.

As oficinas foram diferentes com cada turma. Não apenas pela característica própria da turma, mas também pela disponibilidade de materiais e bolsistas envolvidos. No início de cada oficina, era feita uma apresentação do grupo e, em seguida, uma roda de conversa com as crianças sobre o que é lixo e como é possível reaproveitar os resíduos que se produzem todos os dias em nossas casas, enfatizando o processo de reutilização e reciclagem, bem como desencorajando o consumismo desenfreado. Notou-se, a partir destas conversas, que as crianças já tinham um conhecimento prévio sobre questões ambientais como separação do lixo, reciclagem e uso consciente de água e luz, e, inclusive, muitas delas já haviam feito brinquedos com materiais recicláveis antes, o que deixou o grupo muito contente. Após a conversa, os alunos eram convidados a confeccionar os brinquedos.

No 1º ano foram confeccionadas peteca e espadinhas de jornal. A peteca foi uma sugestão dos bolsistas para aproveitar o jornal, material recolhido em abundância pelo grupo, e também para mostrar às crianças um brinquedo antigo, que muitas delas poderiam ainda não conhecer. Para surpresa do grupo, as crianças desta turma já conheciam a peteca e ficaram muito felizes ao saber que poderiam confeccioná-la com jornal. As espadinhas de jornal foram outra alternativa para o aproveitamento deste material. Houve, após a confecção das espadinhas, certa agitação na turma, visto que os alunos começaram a brincar com as espadinhas de forma violenta, o que obrigou o grupo de bolsistas a interferir e abrir uma roda de conversa sobre o cuidado com o outro. Percebeu-se que, a espada, embora seja um brinquedo, representa um objeto de luta e de violência, e dadas às influências que as crianças recebem atualmente de desenhos e filmes violentos, há a necessidade de se conversar com a turma sobre o tema, a fim de evitar possíveis conflitos em sala de aula e proporcionar um ambiente saudável de harmonia e amizade em que, impere a cultura da paz, independentemente do brinquedo utilizado.

No 3º ano foram confeccionadas petecas de jornal e máscaras utilizando pratos descartáveis e palitinhos de churrasco. Nesta turma, a professora e a estagiária do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) foram muito participativas auxiliando seus alunos a confeccionarem os brinquedos. Houve, após a confecção dos brinquedos, um momento bastante alegre de brincadeiras.

No 4º ano foi confeccionado um boliche com garrafas PET. Esta oficina diferenciou-se das outras por contar com uma parte ocorrida ao ar livre. Após a

apresentação do grupo em sala de aula, os alunos foram convidados a irem para o pátio da escola encher as garrafas com areia. Com esta atividade, outros espaços da escola foram mobilizados, como o pátio, o que demonstra a potência do Programa para a construção da cidadania e desconstrução da educação tradicional, ocorrida principalmente em sala de aula. Ao voltarem para a sala de aula, os alunos puderam pintar suas garrafas com tinta guache, momento que também gerou muita diversão e interação na turma, pois os alunos emprestavam seus materiais uns para os outros. Este momento também foi de expressão, em que cada aluno pintou a sua garrafa de acordo com suas preferências de cores e criatividade. Enquanto as garrafas secavam, foram confeccionadas bolinhas com jornal e fita durex. Após o boliche estar pronto, foram separados pequenos grupos e toda a turma pode brincar com o boliche feito inteiramente por eles, em um jogo muito divertido.

Ao final de cada oficina, com cada turma, os alunos eram convidados a brincar e/ou jogar com os brinquedos feitos por eles mesmos, momento que gerou muito divertimento.

As professoras de cada turma também participaram ativamente de todas as oficinas, auxiliando os alunos na confecção dos brinquedos e podendo, assim, tornarem-se multiplicadoras destas ideias na escola.

A Oficina de Construção de Brinquedos com Sucata foi um momento de aprender e se divertir ao mesmo tempo, ao passo que as crianças ficavam muito felizes e interessados em poder criar brinquedos a partir de materiais que iriam colocar fora e, assim, aprendiam brincando sobre a preservação do meio ambiente. É importante ressaltar que brincar é um direito das crianças, garantido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), assim como o direito à saúde. Mostra-se, portanto, a partir desta oficina, que unir atividades lúdicas com ações de promoção à saúde é um processo possível e que proporciona grandes aprendizados e saúde mental e social para as crianças.

As figuras 1 a 3 mostram fotos da oficina.

**Figura 1 – Oficina de Construção de Brinquedos com Sucata**



Fonte: elaborada pelo próprio autor

**Figura 2 – Oficina de Construção de Brinquedos com Sucata**



Fonte: elaborada pelo próprio autor

**Figura 3 – Oficina de Construção de Brinquedos com Sucata**



Fonte: elaborada pelo próprio autor

## 4.2 OFICINA DE CLOWN E JOGOS TEATRAIS: EXPRESSÃO E INTEGRAÇÃO ATRAVÉS DO CORPO

Clown (mais utilizado no teatro) e palhaço (mais utilizado no circo) possuem a mesma essência cômica, mas tem linhas diferenciadas de acordo com o contexto de atuação (WUO, 2009). O clown é um palhaço com características um pouco diferentes das dos palhaços tradicionais. Enquanto estes buscam a graça ao fazer piada com os outros, o clown busca a graça nele mesmo, fazendo o outro rir daquilo que ele considera engraçado ou diferente em si. Geralmente, o motivo da graça são características que se sobressaem, como características (nariz grande, por exemplo) físicas ou comportamentais (excesso de timidez, por exemplo).

A oficina de clown e jogos teatrais no Festival foi uma ideia de levar uma atividade cultural e diferenciada aos alunos, pois o teatro ainda é um tema pouco explorado em muitos ambientes escolares. Além disso, a oficina proporcionaria um momento de integração e descontração na turma, propiciando também a discussão de temas como *bullying* e respeito ao outro.

Nas escolas, o teatro pode ser encontrado, por exemplo, na disciplina de Artes, que se tornou obrigatória a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – 9.394/96, que no seu artigo 26 diz que “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação infantil e do ensino fundamental, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (BRASIL, 1996).

A educação em arte desenvolve o pensamento artístico, ou seja, um modo particular de dar sentido as experiências pessoais, permitindo ao aluno ampliar sua sensibilidade, percepção, reflexão e imaginação. O ensino da arte pode se dar através de quatro linguagens diferentes: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro (BRASIL, 1997).

A experiência com o teatro no ambiente escolar pode promover oportunidades de crescimento cultural e individual aos alunos, uma vez que possibilita o compartilhamento de descobertas, ideias, sentimentos e atitudes, permitindo a observação de diversos pontos de vista e permite uma melhor relação do indivíduo com o coletivo, desenvolvendo a socialização (BRASIL, 1998).



A oficina de clown e jogos teatrais contou com a participação da acadêmica do curso de Pedagogia da UFRGS. A acadêmica tem experiência com o teatro e com o clown no espaço escolar, e ficou conhecida da equipe do Programa Viver Melhor na Escola através do Salão de Extensão da UFRGS de 2015. Entrou-se em contato com a acadêmica, convidando-a para ministrar voluntariamente a oficina e esta prontamente aceitou o convite. A partir de sua experiência, chegou-se à conclusão de que a melhor série para a realização da oficina seria o 9º ano.

No dia da oficina, os alunos não estavam cientes de que, após o recreio, teriam uma atividade diferente, e, inclusive, estavam se preparando para uma atividade ligada à uma gincana que estava ocorrendo na escola na mesma semana do Festival. O combinado com a escola era de que a oficina aconteceria nos dois últimos períodos, porém, ocorreu apenas no quarto período.

No início da oficina, os alunos pareciam desmotivados e um pouco desconfiados do que aconteceria naquele momento. A ministrante da oficina, porém, que tem bastante experiência com adolescentes, chegou à sala animada e dando orientações para que os alunos pusessem as classes e cadeiras para o fundo da sala a fim de ter mais espaço para a atividade. Foi feita uma roda com todos sentados no chão. A ministrante se apresentou, falou um pouco de seu trabalho com teatro e clown e após convidou todos a se levantarem e começar a atividade. Primeiro foram feitos alongamentos com o corpo, expressões faciais e sons emitidos com a boca a fim de que o grupo “se soltasse” e aquecesse o corpo para as próximas ações. Neste momento, notou-se um pouco de constrangimento por parte de alguns, porém, animação e entusiasmo por parte de outros. Um dos aprendizados do teatro é o de desenvolver a comunicação através do corpo. Segundo Augusto Boal (*apud* FEITOSA, 2013) “O elemento mais importante do teatro é o corpo humano, é impossível fazer teatro sem o corpo humano”.

Atividades com o corpo na escola geralmente são vistas apenas nas aulas de Educação Física, em que são trabalhados aspectos de movimento, força e desempenho. Já o corpo no teatro é o corpo que “fala”, que expressa algo, e o expressa do seu próprio jeito. O trabalho corporal no teatro leva o aluno a uma melhor percepção de si mesmo (FEITOSA, 2013). Ao perceber o próprio corpo através dos movimentos, notam-se dificuldades e inseguranças, o que pode gerar a timidez sentida pelos alunos durante a atividade. Desenvolver a segurança e a

autoestima em relação ao próprio corpo e aos movimentos que este pode realizar e as suas diversas formas de expressão, é um dos objetivos do teatro. Considerando que o ambiente escolar é muito propício à prática do *bullying* e que na sociedade contemporânea nota-se um culto ao corpo, principalmente entre adolescentes, aprender a se aceitar e aceitar as diversas formas e expressões do seu corpo e do corpo do outro, propicia ao aluno e seus colegas, uma melhor saúde mental e social.

A atividade seguinte consistiu em dividir a turma em dois grupos, e cada grupo ganhou uma regra de como tratar o grupo oposto. Os participantes de cada grupo deveriam, um a um, ir até o centro da sala e se encontrar com o participante do grupo adversário e agir conforme a regra. Esta atividade proporcionou uma maior integração dos alunos, visto que algumas regras consistiam em toques físicos ou respostas inesperadas gerando divertimento e quebrando o gelo do relacionamento entre eles. Outro momento da oficina foi quando todo o grupo foi orientado caminhar pela sala e, em determinado momento avisado pela ministrante da oficina, dar as mãos para colegas que estivessem ao lado formando pequenos grupos, o que também promoveu a integração e maior empatia na turma.

A Oficina de Clown e Jogos Teatrais abriu muitas oportunidades para se trabalhar a integração, a cooperação e desinibição no grupo. Alguns alunos que no início da oficina mostravam-se desinteressados, aos poucos foram se soltando e participando de cada atividade proposta. Pôde-se notar também, o quanto é importante este tipo de atividade em sala de aula para que os colegas se conheçam mais e criem maior intimidade entre si. Alguns alunos procuraram a acadêmica ministrante, ao final da oficina, manifestando interesse em fazer cursos de teatro, o que evidencia a importância de práticas culturais como esta em sala de aula, promovendo, assim, diversas manifestações artísticas que não fazem parte do cotidiano deste público, mas que podem servir de grande importância para seu aprendizado e, conseqüentemente para sua saúde, aumentando a autoestima e aceitação corporal e a socialização entre os pares.

As figuras 4 e 5 mostram fotos da oficina.

**Figura 4 – Oficina de Clown e Jogos Teatrais**



Fonte: elaborada pelo próprio autor

**Figura 5 – Oficina de Clown e Jogos Teatrais**



Fonte: elaborada pelo próprio autor

#### 4.3 OFICINA DE CAPOEIRA: DESCOBRINDO A CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Definir a capoeira é, ainda hoje, um desafio. Considerada por muitos como esporte e por outros como dança, luta ou jogo, é na verdade uma rica expressão artística que integra o patrimônio cultural afro-brasileiro (FRIGERIO, 1989). Sobre suas origens, há um discurso bem conhecido e respaldado por alguns pesquisadores que afirma que a capoeira está ligada a danças-rituais realizadas no sudoeste da África, região habitada majoritariamente pelo grupo *bantu*. Dentre estas

danças-rituais, o *N'Golo* (Dança da Zebra) ocorria durante a festa da puberdade das moças e ao rapaz que vencesse o *N'Golo* dava-se o direito de escolher a esposa entre estas moças. Esta tradição tratava-se de uma luta dos pés, mas também possui características de dança-ritual (ABIB, 2005). No Brasil, a capoeira nasceu como uma resposta dos negros ao sistema escravagista, cruel e desumano, imposto pelo colonizador europeu, originando-se nas senzalas como fruto da luta do fraco contra o mais forte. A capoeira, por toda a sua origem histórica, tornou-se, portanto, uma das mais importantes manifestações da cultura de resistência do negro escravizado no Brasil Colonial (AMARAL; SANTOS, 2015).

Considerando que, ainda hoje, os descendentes afro-brasileiros ainda lutam para superar muitas barreiras sociais e inclusive o racismo, faz-se necessário o ensino sobre a cultura e importância deste povo na história do Brasil. Assim, a Lei nº 11.645, em seu artigo número 26, tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira, bem como da indígena, nas escolas de ensino fundamental e médio: “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena” (BRASIL, 2008).

O conteúdo a ser trabalhado, deveria, a partir da referida Lei, incluir aspectos da história e da cultura da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil e a importância destes grupos nas áreas social, econômica e política da história do país.

A capoeira, tratando-se de uma manifestação cultural com origem no povo afro-brasileiro, torna-se uma grande aliada do ensino desta cultura nas escolas, já que possibilita aprendizados que vão muito além da prática esportiva.

A oficina de capoeira foi ministrada por um colaborador, acadêmico do curso de Educação Física da UFRGS, que possui experiência com a Capoeira Angola. A convite dos bolsistas do Programa, o acadêmico aceitou ministrar voluntariamente a oficina. Foi escolhida a turma de 5º ano do turno da tarde da escola para participar desta atividade. No dia marcado, o ministrante da oficina levou um companheiro de capoeira, para auxiliar-lhe na oficina. Também levaram os instrumentos necessários para fazer a música característica que embala as rodas de capoeira como o berimbau, o pandeiro e o agogô.

A oficina foi ministrada no pátio da escola, em uma área coberta. No início, os alunos foram convidados a formar uma roda para iniciar uma conversa sobre a importância da cultura afro-brasileira e suas características. Para a surpresa do grupo, a professora desta turma já havia trabalhado com os alunos sobre esta cultura, e muitos alunos puderam participar da conversa expondo o que já haviam aprendido em sala de aula. Logo após, iniciou-se sobre a capoeira, sobre sua origem histórica e características principais como a roda, os movimentos e a música. Ao falar sobre os instrumentos, foi sugerido que o pandeiro passasse por todos da roda, para que cada um tentasse tocá-lo. Neste momento, notou-se que muitos alunos possuíam grande talento para tal, visto que tocavam o pandeiro de forma correta e harmônica. Após a experiência de tocar o pandeiro, os alunos foram convidados a se levantar e começar a aprender os movimentos básicos da capoeira, momento que gerou muita diversão para o grupo e atraiu olhares curiosos de alunos de outras turmas que iam saindo de suas salas na troca de período. Alguns destes alunos chegavam perto e paravam para assistir a oficina, outros cantavam e batiam palma conforme o ritmo da música. Após todos aprenderem cerca de cinco movimentos básicos, iniciou-se a roda de capoeira. Todos se sentaram no chão em forma de roda, a banda começou a tocar os instrumentos, e o jogo começou e prosseguiu até que todos na roda tivessem a oportunidade de ir para o centro e jogar contra um adversário.

É importante ressaltar também, que a professora da turma participou de toda a oficina, tão entusiasmada quanto os seus alunos, fato muito importante quando se fala da política do PSE, uma vez que a política preconiza a parceria entre escola e serviço de saúde, parceria esta que pode ser alcançada quando um professor participa das atividades propostas pelo serviço e aprende com elas, podendo tornar-se assim um multiplicador daquela prática.

As possibilidades de aprendizado a partir da Oficina de Capoeira foram inúmeras. Pode-se citar além do aprendizado sobre a cultura afro-brasileira, o respeito ao próximo e a cultura da paz, uma vez que a capoeira trata-se de uma luta, mas ao mesmo tempo de um jogo, em que um adversário luta com o outro, mas com o respeito e a diversão característicos do jogo. A capoeira também traz a possibilidade de ser utilizada na escola como atividade física, uma vez que compreende movimentos corporais que necessitam de força, coordenação, ritmo e

equilíbrio, e, como qualquer outra atividade física, promove a saúde mental e física. Além disso, o fato de muitos alunos terem habilidade para tocar o pandeiro evidencia um fato ainda pouco explorado nas escolas: as habilidades e potencialidades culturais dos alunos. O que parece é que as escolas somente se importam com o aprendizado intelectual dos alunos e pouco se importam com os talentos dos mesmos, deixando de aproveitá-los para o próprio aprendizado intelectual e até mesmo para a valorização daquele aluno como um ser integral, que possui inúmeras qualidades que vão além daquilo que é aprendido em sala de aula. Notou-se também, que a capoeira, embora seja uma atividade pouco praticada no ambiente escolar, é, ao mesmo tempo, muito conhecida e apreciada, o que ficou evidenciado pelo entusiasmo com que alunos que não estavam participando da oficina olhavam o que ocorria.

As figuras 6, 7 e 8 mostram fotos da oficina.

**Figura 6 – Oficina de Capoeira**



Fonte: elaborada pelo próprio autor

**Figura 7 – Oficina de Capoeira**

Fonte: elaborada pelo próprio autor

**Figura 8 – Oficina de Capoeira**

Fonte: elaborada pelo próprio autor

#### 4.4 OFICINA DE HORTA: A NATUREZA COMO INSTRUMENTO DE PROMOÇÃO DA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL

A alimentação atualmente é um tema bastante presente quando se fala em saúde. Nas últimas décadas, a população sofreu grandes transformações sociais que impactaram a sua saúde e consumo alimentar. Por um lado, houve redução da pobreza e da fome, mas por outro, vê-se cada vez mais um aumento do excesso de peso em todas as camadas da população, o que aponta para um novo cenário de problemas relacionados à alimentação (BRASIL, 2012). Somado ao declínio de

atividade física, vê-se o consumo cada vez maior de alimentos industrializados, extremamente calóricos e ricos em açúcar, gordura e sódio, o que contribui para um aumento da obesidade e aparecimento de doenças crônicas.

Sabe-se que é na infância que o hábito alimentar se forma, logo, ações de promoção da alimentação saudável para este público são de grande importância. A escola, lugar onde as crianças passam boa parte do seu dia, é um ambiente propício para que se desenvolvam ações deste cunho. A alimentação escolar é uma ação de promoção da alimentação saudável na escola, visto que possui diretrizes bem claras definidas pela política que a rege, a Política Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Um dos objetivos da PNAE é atender às necessidades nutricionais do aluno enquanto ele está na escola, contribuindo para o seu crescimento e desenvolvimento biopsicossocial, sua aprendizagem e seu rendimento escolar, além da formação de hábitos saudáveis nos alunos por meio da oferta de refeições (BRASIL, 2014). Poder realizar pelo menos uma refeição balanceada na escola, por dia, é uma das formas de se promover alimentação saudável. Além dessa, outras formas de promoção de uma alimentação saudável devem ser constantemente exploradas pelos professores de todos os componentes curriculares. Para isso, a educação alimentar e nutricional deve ser tema presente no cotidiano escolar. O Marco de Referência de Educação Alimentar e Nutricional para as Políticas Públicas (2012) explica o que é a educação alimentar e nutricional:

A educação alimentar e nutricional (EAN) é um campo de conhecimento e de prática contínua e permanente, transdisciplinar, intersetorial e multiprofissional que visa promover a prática autônoma e voluntária de hábitos alimentares saudáveis. A prática da EAN deve fazer uso de abordagens e recursos educacionais problematizadores e ativos que favoreçam o diálogo junto a indivíduos e grupos populacionais, considerando todas as fases do curso da vida, etapas do sistema alimentar e as interações e significados que compõem o comportamento alimentar (BRASIL, 2012).

A horta escolar é um meio com o qual a educação alimentar e nutricional pode ser trabalhada e traz consigo muitos outros aprendizados relacionados à saúde, como o cuidado com o meio ambiente.

A oficina de horta foi ministrada por uma nutricionista, recém formada pela UFRGS e ex-bolsista do Programa Viver Melhor na Escola. A nutricionista já havia



trabalhado com oficina de horta anteriormente, e aceitou o convite para ministrar voluntariamente a oficina no Festival. As turmas escolhidas para participar desta atividade foram as turmas de 1º, 2º e 4º anos do Ensino Fundamental do turno da tarde.

A oficina estava marcada para o início da tarde e seria uma atividade ao ar livre. Neste dia, os alunos do 2º e 4º ano saíram da escola para um passeio no Parque Jardim Botânico após a oficina. Como o tempo estava nublado e poderia chover a qualquer momento, as professoras destas turmas ficaram preocupadas e pediram que a oficina fosse realizada em menos tempo do que o previsto, para que as turmas fossem liberadas para o passeio. Mesmo ocorrendo em menos tempo, a oficina pôde ser realizada e os alunos gostaram muito.

No início da oficina com o 2º e 4º anos, foi conversado com os alunos sobre alimentação saudável, perguntando quais alunos ali consumiam frutas e verduras e estimulando o consumo. Depois, foi falado sobre onde colocar restos de alimentos como cascas e folhas que não consumimos, explicando o que é uma composteira e como se faz uma e mostrando uma composteira feita em um balde. Após isso, os alunos foram convidados a plantar sua própria horta. Foram disponibilizados os materiais necessários para a atividade como garrafas PET previamente cortadas, areia, terra, cascalho, mudinhas de hortaliças e flores e luvas descartáveis. Os alunos se entusiasmaram muito com a ideia de poderem “colocar a mão na massa” e montar sua própria horta. Após a mudinha ser plantada, os alunos finalizavam a atividade regando sua horta.

Após a oficina, as turmas do 2º e 4º ano saíram para seu passeio e a orientadora educacional da escola sugeriu que a turma do 1º ano também fosse chamada para participar da atividade. Como ainda havia materiais disponíveis, a turma foi chamada e a mesma dinâmica se estabeleceu desta vez, porém, a turma plantou sementes em um recipiente apropriado e algumas mudinhas foram plantadas em um canteiro em frente à sala de aula da turma, com a intenção de que eles cuidassem daquela horta nos dias seguintes.

A Oficina de Horta foi um momento muito divertido e de grandes aprendizados para as crianças. Em primeiro lugar, por ter sido uma oficina realizada no pátio da escola, isto por si só já fez diferença, pois possibilitou ampliar o espaço de ensino e aprendizagem para além das quatro paredes da sala de aula. Além disso, o contato

com a terra, a areia, as mudinhas, as garrafas PET (material reciclável) gera uma conscientização maior sobre a natureza, sobre nosso lugar nela e nosso papel em cuidá-la. Também houve uma maior conscientização sobre a importância de alimentos como frutas e verduras em nossa alimentação e as possibilidades de se utilizar restos desses alimentos para produção de adubo orgânico em composteiras.

As figuras 9, 10 e 11 mostram fotos da oficina.

**Figura 9 – Oficina de Horta**



Fonte: elaborada pelo próprio autor

**Figura 10 – Oficina de Horta**



Fonte: elaborada pelo próprio autor

**Figura 11 – Oficina de Horta**

Fonte: elaborada pelo próprio autor

#### 4.5 OFICINA DE ESPORTES: O JOGO DA CIDADANIA

O esporte é uma manifestação cultural que representa as crenças, valores e códigos da sociedade em que vivemos. Devido a isso, é necessário que o esporte seja analisado nos seus variados aspectos, a fim de determinar a forma de ser abordado pedagogicamente, no sentido de esporte-escola e não como o esporte "na" escola (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Na escola, o esporte costuma ser abordado nas aulas de Educação Física, e, geralmente, o que se vê são ensinamentos sobre as regras e técnicas de diferentes jogos. As características do esporte (máximo rendimento atlético, regulamentação rígida e racionalização dos meios e técnicas), revelam que o processo de aprendizagem por ele provocado reproduz, inevitavelmente, as desigualdades sociais. A finalidade do esporte é a vitória na competição, colocando-o como um fim em si mesmo (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

A escola, sendo um ambiente em que é preciso desenvolver valores como companheirismo, amizade e aprendizados de como viver em sociedade, necessita repensar o modo como utiliza o esporte em seus processos de ensino. Atualmente, veem-se muitos casos de violência relacionada ao esporte, principalmente em jogos de futebol. Fica evidente, através de relatos e notícias veiculadas pela mídia, que a sociedade passou a pensar na vitória em uma competição esportiva como o único objetivo do esporte, objetivo este mais valioso do que o respeito ao próximo. É preciso resgatar, através do esporte, valores que privilegiam o coletivo sobre o individual e estimulem o compromisso da solidariedade e respeito humano, gerando

a compreensão de que jogo se faz “a dois”, porém é diferente jogar “com” o companheiro e jogar “contra” o adversário (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Desenvolver uma cultura da paz no ambiente escolar deve ser um processo contínuo e que deve estar presente em todos os componentes curriculares. Utilizar o esporte como forma não de incitar a competição e, por conseguinte, a violência, mas de incitar a reflexão sobre a sociedade em que vivemos, abre uma nova possibilidade de aprendizado por meio de atividades práticas e prazerosas aos alunos.

A oficina ocorreu com as turmas de 7º e 8º anos do turno da tarde e foi ministrada pelo professor da Rede Estadual de Ensino, que não fazia parte do quadro docente do Colégio Otávio de Souza, mas que, a convite dos bolsistas do Programa, se disponibilizou para ministrar voluntariamente a oficina. A mesma consistiu em um jogo descrito por Ávila *et al.* (2003) no trabalho intitulado “Movimentos Sociais, Educação Física e Formação Profissional: uma experiência do programa LICENCIAR da UFPR”. O jogo, denominado “opressor x oprimido” é um recorte da nossa sociedade atual, onde um grupo menor (os opressores) dita as regras (em número de três) para o grupo maior (oprimidos) a fim de dificultar que os últimos vençam. O objetivo é possibilitar aos jogadores descobrir no jogo, relações que o ajudem a compreender sua realidade social, especialmente a luta de classes (ÁVILA *et al.*, 2003). O jogo em questão pode ser um jogo de futebol, basquete ou outro jogo que possua dois times. Foi utilizado o jogo de vôlei para realizar a atividade.

No início da oficina, os dois times foram separados e o professor deu as instruções. É importante ressaltar que a atividade original acontece em três partes: na primeira, o grupo menor vence, gerando um desconforto por parte do grupo maior; uma regra é suprimida pelo facilitador /professor /ministrante/ Estado, mas ainda assim, nessa segunda parte, o grupo menor permanece vencendo; todas as regras são suprimidas, e nessa terceira etapa, o grupo maior vence. Feito isso, acontece a parte da problematização da sociedade atual, do jogo e de como funciona o sistema.

No dia da oficina, alguns alunos saíram mais cedo do que o normal, restando apenas oito alunos participantes da atividade. Os bolsistas do Programa entraram no jogo a fim de auxiliar no número de pessoas necessárias para formar os times. Ao

final da oficina, o professor chamou todo o grupo e fez algumas perguntas para auxiliar na reflexão do que fora representado ali:

Na sociedade não existe um grupo menor (os opressores) que estabelecem as regras para o grupo maior (oprimido)? Por que o grupo maior não consegue se organizar para vencer o grupo menor? Será que as regras são justas? E ainda, as regras definidas são cumpridas por todos? (ÁVILA *et al*, 2003).

Notou-se, durante a discussão, que muitos alunos demoraram um pouco a captar o sentido da atividade, e que muitos estavam impacientes já, devido ao cansaço do jogo e a ânsia por ir embora da escola, já que o turno se encerrava. Sendo assim, não foi possível estabelecer uma discussão mais concreta. É possível dizer, entretanto, que o debate sobre o jogo e a representação dele foi pertinente e de extrema relevância, mesmo que impossível de mensurar a qualidade do processo, já que, infelizmente, há poucos momentos na escola para se discutir as relações sociais das quais fazemos parte e qual nosso papel frente às injustiças que se manifestam dia a dia.

Utilizar o esporte na promoção de uma consciência mais crítica, promovendo a construção da cidadania, é uma prática inovadora na escola e a Oficina de Esportes proporcionou isto. Sair dos métodos tradicionais de ensino necessita esforço, paciência e criatividade, porém, se desejamos uma escola mais saudável, devemos estar atentos ao modo como eles gostam de aprender, tentando relacionar atividades prazerosas (como um jogo de vôlei) com objetivos específicos de aprendizagem, como a promoção da cidadania.

As figuras 12 e 13 mostram fotos da oficina.

**Figura 12 – Oficina de Esportes**

Fonte: Desirée de Oliveira

**Figura 13 – Oficina de Esportes**

Fonte: Desirée de Oliveira

#### 4.6 OFICINA DE COOPERAÇÃO E MÚSICA: A MÚSICA COMO FORMA DE INTEGRAÇÃO

É sabido que o ambiente escolar é um espaço de constante socialização. O contato diário com o outro requer certo nível de “saber se relacionar”. Na sociedade atual, há cada vez mais pessoas ansiosas, estressadas e sem paciência para lidar com os que as rodeiam. Na escola, é de extrema importância que se desenvolva um ambiente de paz, cooperação e respeito mútuo entre todos os alunos e, principalmente, entre alunos da mesma turma.

Crianças que passam do 5º para o 6º ano sofrem uma intensa modificação no seu cotidiano escolar, como passar a possuir mais de um professor e possíveis

novos colegas. Estas mudanças podem gerar ansiedade, curiosidade e até timidez em relação ao contato com o restante do grupo, fazendo-se necessárias ações que promovam a reflexão de valores como companheirismo, solidariedade, respeito e amizade (FREITAS, 2012).

A oficina ocorreu com alunos do 6º ano do turno da tarde e foi ministrada por três bolsistas do Programa. Usou-se como metodologia dinâmicas que possibilitassem a comunicação afetiva e cooperativa entre os alunos. Inicialmente, eles foram dispostos em uma roda, de forma que todos pudessem olhar um para o outro. Uma única pessoa ficava, então, com uma bolinha e essa bolinha deveria ser jogada para um colega. A intenção desta brincadeira era a de estabelecer uma relação de confiança entre aquele que jogava a bolinha e aquele que a recebia. A força empregada no arremesso deveria ser medida para que a bolinha não caísse no chão. Além disso, foi estimulado que durante a realização da brincadeira, os alunos olhassem nos olhos um do outro para que essa relação de confiança se desse de forma inédita e desafiadora, pois o olhar revela também uma possibilidade de comunicação mais efetiva com a qual os alunos não estão acostumados a estabelecer. Ao errar a mira, os alunos não eram julgados, mas sim estimulados a uma nova chance, buscando sempre no olhar do outro a relação de afeto e confiança.

Durante a oficina foi também utilizada a música. Os três bolsistas ministrantes da oficina levaram seus violões e puderam também ter a oportunidade de se expressar e de mostrar suas habilidades e talentos na escola. Em uma segunda dinâmica, alguns alunos tiveram seus olhos vendados e durante o tempo que ele estivesse nessa situação uma música era tocada e ele deveria caminhar no ritmo da música sendo guiado pelo seus colegas. Essa foi outra forma proposta para que os alunos estabelecessem uma relação de cooperação e confiança.

A Oficina de Cooperação e Música proporcionou momentos de grande integração na turma. Durante a oficina todos tiveram uma participação ativa, e buscou-se sempre estimular a participação dos mais tímidos e também fazer com que aqueles que sempre acertavam a mira, na atividade de jogar a bolinha um para o outro, ajudassem aqueles que não conseguiam, já que o objetivo da oficina era também que os alunos pudessem buscar a cooperação e não a rivalidade, estabelecendo, assim uma cultura de paz.



As figuras 14, 15 e 16 mostram fotos da oficina.

**Figura 14 – Oficina de Cooperação e Música**



Fonte: Desirée de Oliveira

**Figura 15 – Oficina de Cooperação e Música**



Fonte: Desirée de Oliveira



**Figura 16 – Oficina de Cooperação e Música**



Fonte: Desirée de Oliveira

#### 4.7 OFICINA DE FANZINE: TRABALHANDO A CRÍTICA E A CRIATIVIDADE

O fanzine, ou apenas zine, é uma forma de revista de produção artesanal em que a autoralidade é o princípio. O fanzine possui caráter anárquico e libertário e não busca se enquadrar em categorias estéticas ou de comunicação estabelecidas. (ANDRADE; SENNA, 2015). A diferença entre o fanzine e uma revista tradicional pode ser explicada por Henrique Magalhães:

O fanzine apresenta-se como um boletim, veículo essencialmente informativo, órgão de fã-clubes ou de aficionados. Ou seja, a matéria-prima do fanzine é a informação, como artigo, entrevista, matéria jornalística. Na revista alternativa encontra-se a produção artística propriamente dita: contos, poesias, ilustrações, quadrinhos, etc. (MAGALHÃES, 2003 *apud* ANDRADE; SENNA, 2015).

Os primeiros fanzines surgiram na década de 30 nos Estados Unidos, mas só passaram a ser conhecidos com esta denominação na década de 40. Fanzine é uma junção das palavras inglesas *fanatic* e *magazine* (revista do fã) (ANDRADE; SENNA, 2015).

Com o advento do movimento *punk* na metade dos anos 70, os fanzines passaram a assumir uma identidade de contestação, principalmente dos valores da sociedade de consumo (ANDRADE; SENNA, 2015). Essa vertente do Rock

contestava o descaso econômico e social do governo, bem como a marginalização desse e diversos outros movimentos culturais que aconteciam na época.

Por ser uma produção artesanal e em que o autor tem total liberdade de colocar sua criatividade, o fanzine não possui nenhum padrão ou regras a serem cumpridas, podendo ser produzido de diversas maneiras incluindo tamanhos, tipo de papel, cores e letras diferentes, colagens, dobraduras e até textos escritos a mão. A temática é, igualmente livre, podendo incluir contestações, poesias, quadrinhos, etc.

No início do seu surgimento, sua produção e distribuição eram limitadas e somente com a criação da fotocopadora (XEROX) que o fanzine começou a tomar novas proporções. Atualmente, a internet é uma grande aliada na divulgação e a aquisição dos fanzines pode ser feita via correios. Os e-zines (zines virtuais) também tem ganhado espaço, principalmente na divulgação e troca de contatos ou informações entre os produtores de zines.

A Oficina de Fanzines no Festival Cultural ocorreu com a turma do 2º ano do Ensino Médio. A proposta do encontro era de trazer a história dos zine bem como os conceitos que ele carrega: media autônoma, livre expressão e leitura crítica. A oficina foi ministrada por um bolsista do Programa que possuía um conhecimento prévio sobre o tema, bem como experiência de ministrar oficinas de fanzines.

Na primeira parte do encontro foi explicada a história do fanzine e seus conceitos, momento em que os alunos não pareciam muito entusiasmados com a oficina. Explicar o conceito e a história dos fanzines para uma geração do século XXI pode ser, em um primeiro momento, algo chato e antigo, visto o contexto contemporâneo pós midiático em que eles vivem. Entretanto, na segunda parte do encontro, uma parte mais prática, em que cada aluno pode produzir o seu próprio zine, eles demonstraram grande entusiasmo e empoderamento do conceito expressivo que a mídia proporciona. Foram disponibilizados os materiais para a produção dos zines como folha de ofício, revistas e jornais, cola, tesoura, cola colorida e lápis de cor e os alunos tiveram liberdade de produzir seus zines.

Dos temas abordados pelos alunos, surgiram expressões de desabafos, irritações, questionamentos e autoafirmações que se demonstravam latentes na turma. Os alunos se apropriaram de imagens recortadas das revistas e instalaram novos textos e discursos ressignificando os conteúdos. Durante a produção, surgiu o questionamento sobre a dobradura clássica de uma revista tradicional, o que não

havia sido abordado na parte teórica da oficina. Questionaram este padrão das revistas e sentiram-se a vontade para não reproduzir este formato em seus zines desenvolvendo novas formas de dobradura e manifestando ainda mais sua criatividade e entendimento do princípio dos fanzines. Após o término da oficina, diversos zines haviam sido feitos. Os bolsistas do Programa os recolheram e xerocaram e cada aluno recebeu dez cópias do seu próprio fanzine, podendo distribuí-las posteriormente.

O fanzine constitui um poderoso recurso didático para explorar a crítica e a reflexão acerca de diversos temas ao mesmo tempo em que estimula a criatividade dos alunos. Ao ter a liberdade de produzir uma revista de forma totalmente livre, tanto com relação à temática quanto à forma, os alunos são desafiados a expressar toda a sua criatividade e a colocar a sua identidade nesta produção, bem como a expressar as suas ideias e contestações sobre o tema proposto por eles mesmos. A lógica do fanzine rompe um pouco com os modelos tradicionais de educação, em que geralmente é dado um trabalho com um conjunto de regras a serem seguidas como tema, número de linhas e formato. Desafiar os alunos a refletirem e criticarem sobre determinado tema, nada mais é do que estimulá-los para melhor exercer a sua cidadania. Em um mundo em que recebemos muitas informações todos os dias, questionar e refletir sobre cada uma delas e sobre os padrões (estéticos, comportamentais e tantos outros) estabelecidos pela sociedade são de suma importância. Esta prática deve se fazer presente e constante no ambiente escolar a fim de que formemos cidadãos mais conscientes de seu papel e de suas potencialidades na sociedade em que vivem.

As figuras 17, 18 e 19 mostram fotos da oficina.

**Figura 17 – Oficina de Fanzine**



Fonte: elaborada pelo próprio autor

**Figura 18 – Oficina de Fanzine**



Fonte: elaborada pelo próprio autor

Figura 19 – Oficina de Fanzine



Fonte: elaborada pelo próprio autor

#### 4.8 OFICINA DE *GRAFFITI* E PINTURA NA RUA: DANDO VIDA À ESCOLA

O *graffiti* é uma forma de manifestação urbana que tem suas origens no movimento da contracultura, no início da década de 1960. Desde o início, está ligado à contestação política e ideológica e configura-se também em um movimento de afirmação identitária (LAZZARIN, 2007).

Sobre tratar-se ou não de uma forma de arte, ainda há quem questione o *graffiti*. No período do Renascimento, os ateliês estabeleciam regras sobre o que poderia ser considerado como arte. Dentre estas regras, a obra deveria ser de total autoria do mestre que a fizera e deveria ser perfeita, demonstrando total domínio das técnicas (COLI, 2007 *apud* RAMALHO; SCHLICHTA, 2007). Além de romper com estas regras, os artistas também desejavam romper com os espaços convencionais destinados à exposição de suas obras como os museus e as galerias de arte, buscando, assim novos espaços de experimentações, e a rua, tornou-se este espaço. Este descolamento da arte para outros espaços gerou, de início, certas implicações, sendo os grafiteiros considerados como marginais (BLAUTH; POSSA, 2012). No final do século XIX e início do XX o conceito de arte começou a mudar e a arte foi sendo considerada como uma forma de expressão criadora, fruto de diversos saberes e da visão de mundo dos artistas (RAMALHO; SCHLICHTA, 2007) e o *graffiti* passa, gradativamente a ser melhor aceito. Portanto, o *graffiti* se configura como arte, mas não uma arte qualquer: ele, historicamente, estampa nas paredes e nos muros das ruas, a resistência das populações mais oprimidas e raramente não

possui uma mensagem subliminar em seus desenhos e escritos. É importante destacar que, paralelamente ao surgimento do *graffiti* na década de 60, surgem também as pichações, com um tom mais de vandalismo e agressividade, e muitas vezes depredação do patrimônio público, sem qualquer pretensão artística. É comum haver confusão entre pichação e *graffiti*. A diferença reside na qualidade técnica do *graffiti*, que envolve planejamento detalhado, frases poéticas e desenhos elaborados, que podem ser feitos com estêncil ou a mão livre (LARA, 1996 *apud* LAZZARIN, 2007).

No ambiente escolar, o *graffiti* poder ser utilizado com diversos objetivos, seja no ensino do componente curricular Artes para estimular e exercitar a criatividade através das pinturas, seja para estimular uma reflexão crítica sobre qualquer tema e expor suas ideias através do *graffiti*, ou, como foi o objetivo destas oficinas, para oportunizar aos alunos que imprimam a sua “marca” na escola. Com este mesmo objetivo, foi realizada a oficina de Pintura na Rua, com alunos mais novos, a fim de que eles também pudessem se expressar livremente no espaço da escola utilizando-se de técnica e materiais mais adequados à sua idade.

A oficina de *Grffiti* e de Pintura na Rua no Festival Cultural surgiu a partir da ideia de oportunizar aos alunos que se sentissem parte da construção do ambiente escolar. Sabe-se que muitas escolas sofrem atualmente com atos de vandalismo praticados pelos próprios alunos como pichações nas paredes, escritos nas portas dos banheiros e mesas das salas de aula, entre outros. Ao sentir-se parte de um ambiente, e sentir que aquele ambiente é, de certa forma, seu, o aluno tende a valorizá-lo mais e, conseqüentemente, a cuidá-lo. É como alguém cuida de sua casa, pois aquele lugar é seu, e sente-se responsável pela ordem e conservação do local. As oficinas em questão tiveram este objetivo: conscientizar os alunos sobre seu lugar na escola, e, a partir disso conservar melhor este espaço, e também oportunizar que eles imprimissem sua “marca” naquele ambiente, podendo participar de modificações que o tornam mais agradável e bonito, influenciando no bem-estar de todos que ali transitam.

A oficina de *graffiti* foi ministrada por professor de Artes e grafiteiro, que leciona em outra escola pertencente ao território da UBS e que, a convite do Programa, se disponibilizou a ministrar a oficina no Festival. A atividade ocorreu com uma das turmas de 1º ano do Ensino Médio. No início da oficina, foi conversado com

os alunos sobre o objetivo da mesma, e, após, explicadas e demonstradas as técnicas básicas de grafiteagem. A escola autorizou, previamente, a utilização de uma parte do muro interno do pátio e os materiais foram fornecidos pelo Programa. No início da oficina alguns alunos pareciam tímidos e sem saber como começar suas pinturas no muro, enquanto outros, com alguma experiência prévia, já tinham uma ideia e logo passaram a reproduzi-la com facilidade. Ao longo da oficina, o ministrante foi auxiliando os alunos a se soltarem e se expressarem através do *graffiti*, bem como auxiliando com as técnicas e escolha das cores.

O resultado final foi um muro colorido e cheio de expressividade daquela turma, com as “marcas” de cada um registradas ali. A oficina teve grande repercussão na escola, com alunos de outras turmas cheios de vontade de participar de atividades com esta, evidenciando a necessidade de romper com aquelas aulas mais tradicionais, em que se considera que o aprender ocorre somente dentro da sala com auxílio de quadro negro e livros.

A oficina de Pintura na Rua ocorreu com alunos do 2º ano e do 5º ano do Ensino Fundamental do turno da manhã. A ideia era que eles pintassem a calçada de entrada da escola, a fim de tornar o ambiente mais colorido e bonito, e ter a oportunidade de colocar suas “marcas” e expressividade ali. Quem ministrou a oficina foram três bolsistas do Programa. Inicialmente foi preciso limpar a calçada, retirando as folhas e excesso de terra, trabalho realizado pelos bolsistas e funcionário da escola. Após, os alunos foram trazidos pelas suas professoras e cada turma ficou com um lado da calçada. Os bolsistas espalharam, estrategicamente, potes com tinta guache e água para lavagem dos pincéis ao longo da calçada e os alunos começaram suas pinturas.

Na Oficina de *Graffiti* foi possível deixar o pátio do colégio com muito mais “vida” através dos desenhos, colaborando para a melhora estética deste ambiente e trazendo, assim, uma melhora no bem-estar de toda a comunidade escolar. Já na Oficina de Pintura na Rua notou-se, grande entusiasmo por parte de todos os alunos participantes e muitos mostraram-se verdadeiros artistas, com pinturas muito bem elaboradas e cheias de expressividade. A calçada de entrada da escola ficou muito mais bonita e, assim como o muro grafitado, mais “viva” após a oficina, contribuindo para que a chegada à escola seja um momento mais agradável e alegre.

As figuras 20 a 25 mostram fotos das oficinas.



**Figura 20 – Oficina de Graffiti**



Fonte: elaborada pelo próprio autor

**Figura 21 – Oficina de Graffiti**



Fonte: elaborada pelo próprio autor

**Figura 22 – Oficina de Graffiti**



Fonte: elaborada pelo próprio autor



**Figura 23 – Oficina de Pintura de Rua**



Fonte: elaborada pelo próprio autor

**Figura 24 – Oficina de Pintura de Rua**



Fonte: elaborada pelo próprio autor

**Figura 25 – Oficina de Pintura de Rua**

Fonte: elaborada pelo próprio autor

#### 4.9 CINE-DEBATE: PARA QUE(M) SERVE A ESCOLA?

O Cine-Debate ocorreu com uma das turmas do primeiro ano e a turma do terceiro ano do Ensino Médio e também com a turma do 8º ano. O tema escolhido foi as ocupações que estavam ocorrendo nas escolas públicas em São Paulo, pois acreditou-se que o tema seria de interesse dos alunos, já que mostrava como os próprios estudantes estavam se mobilizando por uma educação melhor.

Foram reunidos alguns vídeos sobre as ocupações, que continham entrevistas com jornalistas e professores sobre suas percepções acerca das ocupações, e vídeos amadores dos alunos que estavam ocupando as escolas. Também foi passado um vídeo amador de um confronto da polícia com os estudantes em um protesto. Após passar os vídeos, foi aberto um debate para que os alunos se manifestassem a respeito.

O debate centrou-se no assunto de o que é a escola, o que os alunos queriam para a sua escola e como eles achavam que uma escola deveria ser. Foi um momento de intenso diálogo entre alunos, professores e os bolsistas do Programa. Um dos momentos mais marcantes desta oficina foi o debate em torno do vídeo sobre o confronto da polícia com os estudantes, momento no qual um aluno se

manifestou compartilhando sua percepção de que confrontos com a polícia ocorrem diariamente nas periferias, nem sempre por motivos de protestos, e que aquele vídeo havia sido gravado, porém muitos confrontos não são gravados e não chegam ao conhecimento da população. Este argumento mostra o quanto os adolescentes atualmente estão a par de questões sociais e o quão críticos estão com relação ao Governo e as autoridades.

O Cine-Debate foi um momento bastante produtivo para os alunos, no qual muitos puderam refletir sobre o papel da escola e sobre o descaso dos governos com as escolas públicas. Também foi um espaço onde o diálogo foi o principal meio para se tratar do assunto, o que fez com que os alunos gostassem da ideia e, inclusive dessem a sugestão de se iniciar encontros/grupos de debate sobre questões políticas e da sociedade atual, nos quais eles pudessem aguçar seu pensamento crítico.

Este encontro evidencia a falta de momentos de debate na escola, onde o aluno possa falar livremente de suas críticas, ideias, pensamentos e experiências acerca de um tema sem ser julgado por um professor ou até mesmo por seus colegas. Também é importante salientar que, frente a sociedade atual e ao momento político em que vivemos, debates acerca de temas como este são de extrema importância para formarmos cidadãos mais conscientes de seu papel no mundo e que possam, ainda na adolescência, fazer a diferença e lutar por uma sociedade melhor.

#### 4.10 APRESENTAÇÃO DOS ALUNOS: EXPLORANDO HABILIDADES DIFERENTES

Promover um momento em que os alunos pudessem se expressar livremente e expor os seus talentos foi o objetivo da última “oficina” do Festival, que consistiu em uma Apresentação dos Alunos. Foi aberto um espaço para que eles pudessem se apresentar de forma livre, fosse com música, dança ou qualquer outro talento que eles desejassem mostrar.

Acredita-se que estes momentos na escola são de grande importância para valorizar o aluno, que muitas vezes é tido como alguém carente de entendimento e inteligência somente porque não vai bem nas provas, porém, que pode ter grandes habilidades em outras áreas. Estas oportunidades de o aluno mostrar no que ele é

bom devem ser constantes na escola, a fim de melhorar a autoestima e, conseqüentemente, ajudá-lo nos estudos.

A Apresentação dos Alunos ocorreu no último dia do Festival, como um fechamento do mesmo, que deveria ser um momento de grande alegria e festa. Durante a semana, foi dada a oportunidade para que, aqueles que quisessem se apresentar, falassem com o grupo de bolsistas. Houve quatro inscrições para a apresentação: um aluno que cantaria *rap*, dois alunos irmãos que cantariam funk, um aluno que cantaria música tradicionalista e um grupo de alunos que apresentaria uma coreografia. A apresentação ocorreu ao final da manhã e toda a escola foi chamada para assistir. Foi reservado um espaço no pátio da escola, em uma área coberta, e ali preparado o equipamento de som. Os alunos que não se apresentariam foram, aos poucos, ocupando seu lugar na plateia até que toda a escola estivesse presente. Antes de iniciar a apresentação, os alunos do 3º ano do Ensino Médio anunciaram os ganhadores da Gincana que estava ocorrendo na escola nas semanas anteriores, momento de bastante descontração e alegria entre todos.

A ordem das apresentações foi decidida pelos próprios alunos, o que evidencia o clima de coleguismo e integração entre os mesmos, visto que nenhum deles estava ali com o objetivo de competir com o outro, mas apenas de se apresentar, mostrar o seu talento. O primeiro a se apresentar foi o aluno que cantou o rap. Trata-se de um aluno já bem conhecido da escola e que já havia se apresentado na mesma em outros momentos. Foram apresentadas cerca de três músicas, com letras muito bem elaboradas e com pensamentos críticos acerca de temas como sociedade e relacionamentos. Logo após, os irmãos que cantaram o funk iniciaram a sua apresentação auxiliados por mais alunos, momento em que a escola também se empolgou bastante, visto que o ritmo é de conhecimento e gosto desta geração. O terceiro a se apresentar foi o grupo de alunos que apresentou uma coreografia. Neste momento, alguns bolsistas do Programa também participaram da apresentação, pois aprenderam a coreografia durante o ensaio dos alunos, e os mesmos convidaram os bolsistas a se apresentar junto. Esta interação entre alunos da escola e bolsistas do Programa só foi possível pela relação de proximidade que se estabeleceu durante toda esta semana. Com a presença constante dos bolsistas na escola e a interação “de igual pra igual” com os alunos, os bolsistas foram sendo

aos poucos, conhecidos e respeitados, ganhando espaço em seus grupos de amizade. Acredita-se que esta relação mais próxima e afetiva seja fundamental para que se estabeleça um aprendizado significativo. A última apresentação foi do aluno que é mais conhecido na escola por cantar músicas tradicionalistas, porém, no dia da apresentação escolheu cantar a música Olhos Coloridos, do compositor Macau e interpretada pela cantora Sandra de Sá.

Ao final das apresentações, houve um momento de agradecimento da escola ao Programa, feito pela orientadora educacional da escola, Rosana, que leu o nome de todos os bolsistas que participaram da organização e execução do Festival e agradeceu em público todo o esforço empregado, entregando, como forma de agradecimento, uma cesta com bombons para cada bolsista. Em contrapartida, os bolsistas também agradeceram à escola pela parceria, apoio e por acreditarem e apostarem nas ideias propostas. As figuras 26 a 30 mostram fotos da apresentação dos alunos.

**Figura 26 – Aluno cantando rap**



Fonte: elaborada pelo próprio autor

**Figura 27 – Alunos irmãos cantando funk**



Fonte: elaborada pelo próprio autor

**Figura 28 – Apresentação da coreografia**



Fonte: Ana Maria P. Preto



**Figura 29 – Aluno cantando música “Olhos Coloridos”**



Fonte: elaborada pelo próprio autor

**Figura 30 – Alunos da escola prestigiando as apresentações**



Fonte: elaborada pelo próprio autor

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A promoção da saúde no ambiente escolar é tema que deve receber maior atenção de profissionais tanto da saúde como da educação, visto os altos índices de sobrepeso e obesidade, depressão, casos de violência e outros agravos à saúde ocorridos diariamente em crianças e jovens. É inegável o fato de que a juventude atual está em risco e setores da saúde e da educação devem unir esforços para prevenção de doenças e agravos não transmissíveis e promoção da saúde. A escola, sendo um espaço rico de possibilidades de aprendizados, e principalmente aprendizados em grupo, precisa ter seu projeto pedagógico reformulado, a fim de que temas ligados à saúde sejam trabalhados nas diferentes disciplinas. As Estratégias de Saúde da Família, por sua vez, haja vista o Programa Saúde na Escola são potenciais agentes de promoção da saúde no ambiente escolar, e devem, em conjunto com a escola, elaborar ações em prol de alunos e suas famílias, professores e funcionários, lembrando sempre, que para a potencial efetividade das ações, estas devem fazer sentido no dia a dia da comunidade escolar e a saúde deve ser trabalhada de forma mais humana e integral.

A atuação do profissional de Nutrição na saúde pública é ampla, contudo, devido a limitações da sua formação e na própria área da saúde, que é complexa e se reinventa a cada momento, necessita diálogo com outras áreas de conhecimento. “A Educação Interprofissional atualmente é a principal estratégia para formar profissionais aptos para o trabalho em equipe, prática essencial para a integralidade no cuidado em saúde” (BATISTA, 2012). Esta educação baseia-se em trocas de experiências e saberes, treinamentos conjuntos e momentos de reflexão sobre o papel de cada profissional de saúde independente de seu núcleo de atuação. O Festival Cultural foi idealizado e planejado em conjunto com alunos de graduação de outros cursos e todo o aprendizado possibilitado nesta semana somente foi possível devido a esta integração. Se a saúde de um indivíduo deve ser considerada sob um olhar integral, há a necessidade de que a formação do profissional de saúde também se dê de forma integral. O profissional de Nutrição deve, portanto, para ser um bom profissional da saúde, ampliar os seus conhecimentos para além das questões puramente alimentares e buscar, no convívio com profissionais de outras áreas, a formação que lhe falta. Somente, assim, é que ações de promoção de



saúde propostas por nutricionistas poderão se dar de forma efetiva, não só em escolas, mas também em qualquer ambiente.

## REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro. **Capoeira angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. Campinas: EDUFBA, 2005.

ALVES, Daiane Oliveira Vieira; TRINDADE, Bernardete. A confecção de brinquedos e jogos reciclados para conscientização dos problemas dos resíduos sólidos. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, Santa Maria, v. 18, n. 2, p.990-998, set. 2014.

AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira do; SANTOS, Valdenor Silva dos. Capoeira, herdeira da diáspora negra do Atlântico: de arte criminalizada a instrumento de educação e cidadania. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, v. 62, p.54-73, dez. 2015.

ANDRADE, Sandro Silva de; SENNA, Nádia da Cruz. **Fanzines na sala de aula: expressividade e autoralidade**. In: 24º encontro da ANPAP – Compartilhamentos na Arte: Redes e Conexões. Santa Maria, 2015

ARAUJO, Mariana dos Santos; JORGE, Daniela Moraes; PEREIRA, Tatiana Domingues. Jogos e Brinquedos com Sucata: reciclagem. **Revista Intr@ciência**. Guarujá, 2015.

AVILA, Astrid Baecker, et al. **Movimentos sociais, educação física e formação profissional: uma experiência do programa licenciador da UFPR**. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Caxambu, 2003

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. **Revista Saúde e Sociedade**, v. 13, n.3. São Paulo, 2004.

BATISTA, Nildo Alves. Educação Interprofissional em Saúde: Concepções e Práticas. **Caderno FNEPAS**, v.2. Janeiro, 2012.

BLAUTH, Lurdi; POSSA, Andrea Christine Kauer. Arte, grafite e o espaço urbano. **Palíndromo**, nº 8. Florianópolis, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde: PNPS**: revisão da Portaria MS/GM nº 687, de 30 de março de 2006. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 36 p. : il.

\_\_\_\_\_. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. **Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências**. Brasília.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Escolas promotoras de saúde: experiências do Brasil** - Organização Pan-Americana da Saúde. – Brasília, 2006.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007. **Institui o Programa Saúde na Escola - PSE, e dá outras providências**. Brasília.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde na escola** – Brasília, 2009.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. **Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências**. Brasília.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: meio ambiente, saúde**. Brasília, 1997.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: MEC, 1997.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: MEC, 1998.

\_\_\_\_\_. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. **Altera A Lei Nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996, Modificada Pela Lei Nº 10.639, de 9 de Janeiro de 2003, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "história e cultura afro-brasileira e indígena"**. Brasília.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Alimentação e Nutrição**. Brasília, 2012.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Cartilha Nacional da Alimentação Escolar**. Brasília, 2014.

\_\_\_\_\_. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências**. Brasília.

BUSS, Paulo Marchiori; PELLEGRINI FILHO, Alberto. A Saúde e seus Determinantes Sociais. **Physys: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p.77-93, mar. 2007.

CARTA DE OTTAWA. In: **Primeira Conferência Internacionaol sobre Promoção da Saúde**. Ottawa, 1986.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

FEITOSA, Ana Lúcia Ferreira. **Teatro e sua influência na expressão e na comunicação por meio do corpo no ambiente escolar**. 2013. 48 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Teatro, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

FIGUEIREDO, Túlio Alberto Martins de; MACHADO, Vera Lúcia Taqueti; ABREU, Margaret Mirian Scherrer de. A saúde na escola: um breve resgate histórico. **Ciência & Saúde Coletiva**, Vitória, v. 15, n. 2, p.397-402, 2010.

FREITAS, Margarida Maria Tito; LEITE, Sandra Regina Mantovani Leite. **As regras na escola: refletindo com os alunos sobre a construção de valores morais no cotidiano da escola**. In: Semana da Educação. Londrina, 2012.

FRIGERIO, Alejandro. Capoeira: de arte negra a esporte branco. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, 1989.

GUIMARÃES, Gehysa; AERTS, Denise; CÂMARA, Sheila Gonçalves. A escola promotora da saúde e o desenvolvimento de habilidades sociais. **Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 2012.

IPPOLITO-SHEPHERD, Josefa. **Escolas Promotoras de Saúde - Fortalecimento da Iniciativa Regional - Estratégias e linhas de ação 2003-2012**. Washington, 2003.

LAZZARIN, Luís Fernando. **Grafite e o Ensino da Arte**. Educação & Realidade. Porto Alegre, 2007.

LINARD, AG; CASTRO, MM; CRUZ, AKL. Integralidade da assistência na compreensão dos profissionais da estratégia de saúde da família. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 32, n. 3, p.546-553, set. 2011.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=gincana>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

RAMALHO, Maria Elena; SCHLICHTA, Consuelo A. B. D. **Graffiti na escola?**. Paraná. 2007. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1738-8.pdf>

SCLIAR, Moacyr. História do Conceito de Saúde. **Physys: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p.29-41, mar. 2007.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Constitution of the World Health Organization**. 1946. Disponível em <<http://apps.who.int/gb/gov/assets/constitution-en.pdf>> Acesso em 24 nov.

WUO, Ana Elvira. A linguagem secreta do clown. **Revista Integração**. São Paulo, 2009.